

“Os livros deveriam ter a linguagem que a gente usa no dia-a-dia.”

MARIA DE FÁTIMA SANTOS, CABELEIREIRA

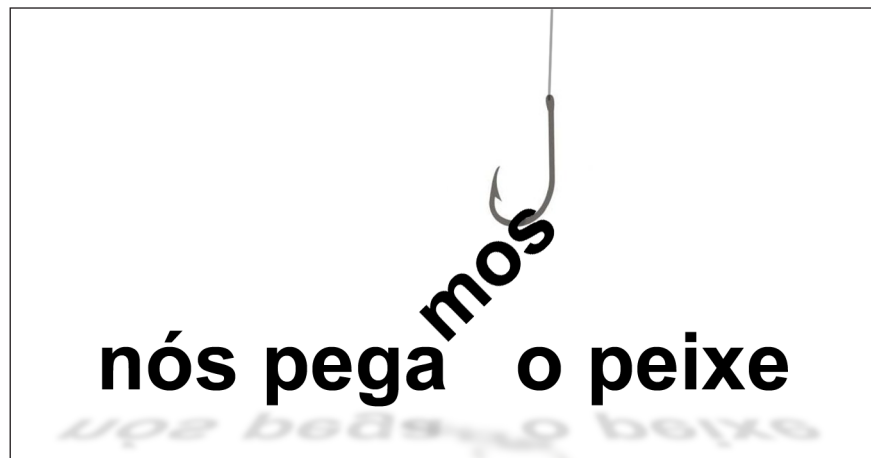
Não falar “corretamente” está valendo?

Obra distribuída pelo governo apresenta fala popular como recurso da língua e gera polêmica

Mariana Grazini
Mariana Giovinnazzo

A recente distribuição do livro “Por uma vida melhor”, parte do programa Educação de Jovens e Adultos, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), gerou polêmicas quanto ao uso da língua portuguesa. Ao contrário de livros convencionais de gramática, que ensinam regras rígidas de português, a proposta é adequar a linguagem a cada situação.

A seção de debate retomou a discussão sobre o capítulo do livro e também sobre a existência do preconceito linguístico. No entanto, a maioria dos moradores da São Remo diz não conhecer o livro, nem a polêmica sobre ele.



ANALIS FERNANDES

Milton Lopes de Brito, estudante do Ensino Superior, teve de pesquisar o assunto na internet para saber do que se trata o livro. Ele diz: “[O capítulo do livro] não é certo, aqui mesmo muita gente fala errado”. Apesar de discordar do método utilizado pelo MEC,

Milton confessa que existe discriminação com quem não segue as regras gramaticais.

Já Thaís de Lima, estudante do Ensino Médio, concorda que há variações da fala conforme a ocasião. Ela reconhece que nem sempre usa o português da maneira

certa e conta que alguns professores de sua escola reprimem os erros que os alunos cometem em aula, envergonhando-os.

A única moradora entrevistada que conhecia o livro, disse não saber muitos detalhes sobre ele. Mariana de Fátima Santos, cabeleireira, afirma: “Temos que sempre procurar falar certo. Mas, se não soubermos, temos que falar do jeito que conseguimos”.

Desde que nasceu, Andréia Silva mora na São Remo. “Os livros deveriam ter a linguagem que a gente usa no dia-a-dia”, disse.

O Português não é uma língua simples, além das regras de gramática, existem as diversidades regionais. Cada estado tem um vocabulário próprio que o identifica.

OPINIÃO

Trava-línguas

HENRIQUE BALBI

Afirmar que a expressão “os livro” não está adequada é antes um problema social do que de gramática. Ao se julgar errada a maneira como um grupo fala, exclui-se desnecessariamente aqueles a que ele pertencem.

Os livros do MEC demonstram a variedade linguística, não en-

sinam a “falar errado”. Mostram como as pessoas não são objetos que não mudam nem estão sujeitos às transformações, boas e ruins, pelo tempo.

A língua é um organismo vivo. Se fosse possível voltar no tempo e visitar Portugal na época de Cabral e as navegações, pouco se entenderia do que falavam, mesmo os brasileiros do século XXI e os portugueses de quinhentos anos atrás tendo sido alfabetizados na mesma língua. Até no espaço fa-

miliar convivemos com diferenças, gírias e sotaques.

A cultura deve juntar as pessoas e criar um espaço de integração. A língua, fundamental para a cultura, não deveria portanto dividir a sociedade. Já não basta o preconceito que as pessoas sofrem por religião, etnia e opção sexual?

* * *

Nossa turma se despede nessa edição. Agradecemos as fontes e leitores. A próxima edição será em setembro, com a nova turma.

ERRATA:

Diferente do que informamos a respeito do fim da Ponte Orca, serviço que faz a ligação entre a estação de trem Cidade Universitária e a estação de metrô Vila Madalena, na matéria “Mudanças no Metrô afetam a vida na comunidade” (NJSR - Maio/Junho 2011, p. 5), a informação sobre a mudança no serviço ainda não é oficial.